# PROGRAMA – 4 DE DEZEMBRO, 2020

## EROTISMO E SEXUALIDADE(S) NAS ARTES

## COLÓQUIO INTERNACIONAL

**Instituição de acolhimento:**
Centro de Estudos de Teatro

**Curadoria:**
Bruno Schiappa

**Supervisão:**
Fernando Guerreiro

**Cossupervisão:**
Maria João Brilhante


Centro de Estudos de Teatro
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA
FLUL LETRAS LISBOA
FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «SFRH/BPD/117096/2016», «UIDB/00279/2020» e «UIDP/00279/2020»

*Erotismo e Sexualidade(s) nas Artes*

## Manhã

*Inner Shadows*, © Bruno Schiappa, 1981

**10h00:** Abertura e discurso sobre o tema do colóquio e a investigação**.** Bruno Schiappa

**Nota curricular:** Doutorado com Distinção por unanimidade em Estudos Artísticos, na Especialidade de Estudos de Teatro pela UL, Investigador Integrado do CET, Pós Doutorando financiado pela FCT, Criador e *performer* em Voz, Palco e Audiovisual. Autor de 2 livros e vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Tema das Investigações: Teatro, Poder, Sexualidade, Erotismo, Sedução dos Sentidos

## Comunicações:

**Moderador:** Bruno Schiappa

**10h30**: *Ou como (não) desejar o outro.* Cátia Faísco.

**Resumo:** O mundo online, como alternativa à realidade circundante, oferece um espectro infindável de possibilidades. Algumas delas representam riscos, outras

sedução. Mas, entre as muitas escolhas que se pode fazer, existe a materialização do desejo de se ser outra pessoa, ou mesmo de se esconder atrás de uma figura anónima gerada por algoritmos.

Quando a dramaturga Lucy Prebble escreveu, em 2003, The Sugar Syndrome, as conversas cibernéticas ainda davam os seus primeiros passos, o mundo das redes sociais e a consequente (e deliberada) exposição pública ainda estavam à procura do seu lugar no quotidiano. Conversar numa sala, na internet, era uma prática que ainda permitia ocultar uma grande parte da vida no 'mundo real'.

Em The Sugar Syndrome, Dani – uma rapariga de 17 anos com distúrbios alimentares - e Tim – um homem de 38 anos condenado, no passado, por molestar rapazes – tentam combater a solidão através de conversas na internet. Num texto onde o desejo sexual se apresenta como uma força proibida, julgada e condenada pelas normas sociais e pelas leis judiciais, esta análise segue os passos de uma vontade (ou apenas tentação) de materializar uma ação interdita.

*Ou como (não ) desejar o outro* procura também a voz de um desejo que, ao navegar através das linhas do modem, mascara uma desconexão com a vida real e com a perturbação de um desenquadramento social. Paralelamente, esta análise também pretende criar pontos de ligação com o modo como, na contemporaneidade, o pensamento e a experiência pessoal podem moldar a representação e a leitura do desejo sexual na dramaturgia.

Ao percorrer os medos e tabus das personagens, assim como ao expor feridas e resistências, esta intervenção procura contextualizar um texto dramático que, pela sua especificidade e pela década em que decorre, poderia ter outros contornos na atualidade.

**Nota curricular:** Cátia Faísco frequenta o doutoramento em Estudos de Teatro (FLUL), onde desenvolve investigação
acerca do desejo sexual na dramaturgia contemporânea britânica. A sua área de pesquisa contempla ainda o período do in yer face. Publicou, recentemente, o capítulo Undressing Sarah Kane: A Portuguese Perspective on In-Yer-Face, no livro After In-Yer-Face Theatre: Remnants of a Theatrical Revolution. É bolseira da FCT. Assistente Convidada na área de Escrita Dramática e Dramaturgia, na Universidade do Minho desde 2013. Como investigadora, integra o NIEP (Núcleo de Investigação em Estudos Performativos) no CEHUM/UM. É cronista da Revista R U A e integra o coletivo CASA como dramaturga.

**11h00:** *Bacantes um passo à nossa frente.* Sérgio das Neves

**Resumo**: As bacantes em êxtase celebram Dioniso. E, concomitantemente, Zaratustra cria a sua canção, intitulada "Outra vez", sentida por toda a eternidade. A encenação de "A vida e o sábio" reúne *As Bacantes* de Eurípides e *Assim falava Zaratustra* de Nietzsche, com o intuito de dar à luz o deus Dioniso. Este «dar à luz» realizar-se-á pela dança e pela música, as artes escolhidas para afectar os actores e os «espectactores», enquanto Zaratustra, com a sua palavra, forma o *Übermensch* nietzscheano, aguardando pelo grande meio-dia. A sexualidade desprotegida e os estímulos da sensualidade pretendem evocar a bacante existente em cada espectador. Qual a margem de manobra do actor? Até onde permite o espectador ser afectado por aquele? Como o espectador devém em «espectactor»? A ideia de afecção de Espinoza é pertinente, enquanto imaginação que afecta os corpos exteriores. O afecto passivo, as paixões, é causado pelo actor no público. Ao passo que, o afecto activo, a acção, depende do espectador, de quando este decide se juntar ou é suficientemente estimulado a se juntar ao coro das bacantes, recebendo em seu "divino seio" o arauto dos bacanais. As bacantes revelam o humano como animal afectivo, enquanto aquele que se deixa afectar por algo. O que afecta as bacantes? O que afecta Dioniso? O que afecta Zaratustra? As imagens em cena existem enquanto resíduos de um corpo sobre o outro. O afecto aumenta ou diminui a nossa potência de agir, segundo Espinoza. Somos afectados pelas coisas e essas coisas modificam-se: corpo que compõe outro corpo. É assim que Penteu se deixa afectar e se transforma na própria negação do seu outro eu. Esta reflexão encenada permitirá abordar o modo como o corpo sensual, por meio de uma sexualidade sem nós, recria o divino no humano.

**Nota curricular:** Sérgio das Neves frequentou a licenciatura em Teatro da Universidade de Évora, licenciou-se em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e terminou recentemente o mestrado em Estudos Comparatistas pela mesma instituição, com a dissertação: "Urfaust e Heinrich von Oftedingen: um estudo comparatista à luz do pensamento alquímico". Enquanto actor, os principais projectos desenvolvidos foram: Os amores de Pan e Siringa, apresentado na Biblioteca Nacional, Modernismo e tudo!, no CCB e na Fundação Calouste Gulbenkian, e A vida e o sábio, na Fábrica do Braço de Prata. O próximo projecto reflectirá sobre Fausto na caverna platónica.

**11h30:** *O que acontece quando a cidade dorme.* Ana Campos

**Resumo:** Em 2005, Juan Mayorga escreveu uma curta peça intitulada Hamelin (Hamelín) onde – a meu ver – se podem ler alguns cambiantes da pedofilia. E é justamente em torno desta temática que aqui apresento uma breve comunicação. A pedofilia coloca, do ponto de vista psiquiátrico, um sem número de questões, algumas das quais ainda hoje sem resposta imediata ou satisfatória, como a razão que pode levar um adulto – aparentemente saudável e proveniente de um ambiente familiar estruturado – a sentir atracção sexual por crianças ou, ainda, a pedofilia que ocorre em classes sociais mais abastadas, assunto que é, aliás, raramente discutido. Convoco este texto, que já abordei em 2017, ainda que sucintamente, devido à necessidade que sinto de reflectir hoje sobre essa questão, mais que nunca, devido às contingências destes tempos de Covid-19. Embora as regras de prevenção do contágio por este vírus, imponham novos desafios ao Teatro, acredito que quer os textos que permanecem, quer os espectáculos que se continuam a fazer, constituem armas fortes de combate que visa a transformação da sociedade e a abertura das consciências a questões fundamentais da nossa organização social. Em Hamelin, Juan Mayorga tocou fundo nesta temática ao levantar suspeitas sobre a desinteressada preocupação com a necessidade de protecção do pequeno Zé Maria. Até onde se esconde a perversão é a questão fulcral desta peça. Procurarei ainda convocar a pedofilia manifesta e assumida de Humbert Humbert, em Lolita, (1955) obra do romancista russo-americano Vladimir Nabokov, transposta para outras manifestações artísticas tal o seu nível de complexidade e abrangência. Na obra de Nabokov pode ler-se uma culpabilização da vítima por parte do narrador, Humbert Humbert, o que não acontece em Hamelin. Isso deriva, em parte, de serem diferentes os dois modos narrativos utilizados por Mayorga e pelo romancista nascido em São Petersburgo, mas também de uma consciente opção pela linguagem muito concisa e objectiva utilizada em Hamelin.

**Nota curricular:** Ana Campos é doutoranda em Estudos de Teatro, Investigadora Integrada do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Investigadora Colaboradora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra. É membro da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Colaborou com publicações como *Sinais de Cena – Revista da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de*

*Letras da Universidade de Lisboa, Vértice, II Série*, ou ainda, *Revista Ibero-americana de Ciências da Comunicação/ Revista Iberoamericana de Ciencias de la Comunicación.*

**11h50: Questões e debate** (no final de cada comunicação haverá também um tempo de 10 minutos para questões)

**12h00: Pausa para almoço**

## Tarde

*Inner Shadows*, © Bruno Schiappa, 1981

**14h00: Elmano Sancho** (convidado).

**Resumo:** Antes de pertencer a um determinado sexo, o ser humano era híbrido. No plano físico, o primeiro ser humano seria duplo: Deus terá criado Eva a partir da natureza feminina de Adão. No Banquete de Platão, Aristófanes evoca o mito do andrógino primitivo: não existiam dois géneros mas uma espécie de ser unificado. Os seres andróginos, orgulhosos da sua dupla natureza, da sua força e do seu poder, desafiaram os deuses e escalaram o Olimpo. Como castigo, Zeus separou o género masculino do feminino.

Separado do Outro, o ser humano contemporâneo é incapaz de especificar o objeto da sua falta. Vê o mundo através do Outro sem nunca conseguir ser o Outro: a separação é um ato primitivo inerente à existência. Para dar vida ao seu alter ego feminino, Elmano Sancho foi ao encontro das drag queens*, as damas da noite*, flores que abrem ao

anoitecer e exalam um perfume inebriante. Esta imersão no mundo do transformismo pretende dar corpo, voz e vida à menina desejada pelos pais que não chegou a nascer. O confronto de todos os intérpretes com o seu disfarce feminino - máscara que revela uma verdade e colmata uma ausência - recorda-nos, antes de mais, que estamos na presença de atores que praticam a sua arte através de um duplo discurso: o transformismo revela os artifícios e mecanismos da Arte Teatral e reafirma a posição do espectador. Este sabe que está a assistir a um espetáculo onde o tema principal é o próprio teatro e a representação em todas as suas camadas complexas. Tudo é artifício: não há corpo natural, não há desejo natural, não há aparência natural, não há jogo natural. O que resta desta transformação inacabada é o corpo em busca de uma alteridade. O teatro adquire autenticidade: o mundo da ficção desaparece, a personagem cede lugar à realidade complexa do ator/ser humano e o palco torna-se o lugar onde a troca entre os intérpretes e o público é feita sem designações nem máscaras.

**Nota curricular:** Encenador, Ator, Dramaturgo e Diretor da Companhia de Teatro Loup Solitaire. Com uma forte componente de erotismo, fantasia e sexualidades nas suas criações, irá falar sobre o seu espetáculo *Damas da Noite¸ Uma Farsa de Elmano Sancho* com transversalidade ao *I Can't Breathe¸* também da sua autoria, que lhe granjou a menção honrosa da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

## Comunicações:

**Moderadora:** Professora Doutora Maria João Brilhante.

**Nota curricular:** É professora doutorada em Literatura Francesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa onde lecciona, desde 1979. É investigadora do Centro de Estudos de Teatro, que dirigiu entre 1996-2000, 2004-2008, 2018-2019. Foi responsável por projectos de investigação financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Publicou ensaios e livros sobre literatura, tradução de teatro, iconografia do teatro e história do teatro e do espectáculo.

**14h30:** *O teatro na ditadura civil-militar (1964-1985) e a visibilidade do homossexual masculino no Brasil.* Alberto Tibaji

**Resumo:** O teatro na ditadura civil-militar (1964-1985) e a visibilidade do homossexual masculino no Brasil. Durante a comunicação analisaremos o desempenho atorial de Nestor Montemar no espetáculo Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá, texto de Fernando Melo. A análise situa o espetáculo no período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) em relação à repressão à população LGBT e propõe o teatro desse período como espaço de visibilidade para o referido grupo social e a existência de uma rede atorial criadora de uma personagem-tipo do homossexual masculino, que poderia ser chamada de bicha louca. Com a conquista gradual de certa visibilidade da população LGBT, dentro do que pode ser conquistado numa sociedade bastante avessa à diversidade sexual, os excessos no desempenho de personagens homossexuais masculinas − ou de personagens femininas, quando desempenhadas por atores − parecem paulatinamente mover-se de um teatro mais convencional para o campo das performances de drag queens. Essa passagem se dá por meio de um reforço de uma estética realista no âmbito teatral e televisivo: mesmo movimentos sociais e grupos de atuação em defesa de LGBTs parecem reivindicar a presença cênica de uma diversidade de homens homossexuais sem os "confinar" no supostamente estereótipo da bicha louca, enquanto a estética do excesso parece migrar para apresentações sem compromisso com uma dramaturgia supostamente realista, aprofundando-se nas relações com os espetáculos revisteiros e na valorização das vedetes e das grandes estrelas. Os excessos dos desempenhos de atores como Montemar parecem migrar para os exageros de uma estética camp, intensificando simultaneamente uma linguagem cênica especializada e um espaço delimitado para uma estética cultural dos excessos, composição que articula um repertório da comicidade popular no Brasil, do qual participam vários elementos de uma cultura melodramática.

**Nota curricular:** Alberto Ferreira da Rocha Junior/Alberto Tibaji é Professor Titular da área de Artes Cênicas, do Departamento de Artes da Cena, da Universidade Federal de São João del-Rei (Brasil). Faz parte do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFSJ e fez parte do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma universidade durante quinze anos. Tem artigos e capítulos de livros publicados no Brasil, Estados

Unidos e Portugal e tem dois livros publicados sob sua organização. Seu projeto de pesquisa atual trata de diversidade sexual e teatro no Brasil, é financiado pelo CNPq e produziu espetáculo teatral e artigos acadêmicos.

**15h00:** *Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: o ano de 1967.* Matheus Cunha Rodrigues

**Resumo:** Este artigo é resultado da pesquisa em nível de iniciação científica intitulada "Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: o ano de 1967", financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A pesquisa se insere nas investigações do projeto "Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: visibilidade, minoritarismo e representação", coordenado pelo professor Dr. Alberto Ferreira da Rocha Júnior, docente, no curso de graduação e mestrado na área das artes cênicas, da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. O objetivo inicial das pesquisas era identificar comose deram as expressões da diversidade sexual e de gênero no Brasil no ano de 1967 que antecedeu o Ato Institucional nº5 (AI-5), documento esse que foi responsável pela censura artística no período sob regime da ditadura civil-militar pós 64.

**Nota curricular:** Matheus Cunha Rodrigues, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, atua na área de pesquisa em fenomenologia e teatro, e, também, na área de teatro e sexualidade no âmbito do projeto Diversidade Sexual e Teatro no Brasil: visibilidade, representação e minoritarismo, coordenado pelo professor Alberto Ferreira da Rocha Júnior. Foi bolsista de Iniciação Científica por 36 meses, sendo 24 meses pela UFSJ e 12 meses pelo CNPq. Graduando em licenciatura em Teatro Alberto Ferreira da Rocha Junior, Departamento de Artes da Cena Orientador Federal University of São João del-Rei – UFSJ 36300 – Brazil matheusartemg@gmail.com

**15h30:** *Uma breve abordagem sobre o incesto na obra de Nelson Rodrigues.* Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo focar nas relações incestuosas retratadas nas peças Álbum de família e Toda nudez será castigada, e nos romances Asfalto selvagem; Engraçadinha, seus pecados e seus amores e O casamento, de Nelson Rodrigues, levantando uma discussão acerca dos elementos da mitologia e da tragédia grega, mais especificamente Édipo Rei, de Sófocles e Oréstia, de Eurípides, nas quais a intertextualidade é presente em diversas partes da obra rodrigueana. Será discutida a ousadia de Nelson Rodrigues em abordar temas tão polêmicos em meados do século XX, com uma linguagem rebuscada, inclusive com certo teor clássico. Serão citadas também algumas outras obras rodrigueanas, tanto na prosa, quanto na dramaturgia destacando de forma breve algumas adaptações para o cinema. Também serão citadas, de forma breve, outras obras de Nelson Rodrigues como Os sete gatinhos e Bonitinha, mas ordinária, devido à temática relacionada com a sexualidade tão presentes na obra do citado autor.

**Nota curricular:** Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras, Cadeira 03, patronímica de Antônio Correia de Oliveira; Pós-doutorado em LA pela UFRJ (Em andamento); Doutor em Estudos de Literatura pela UFF; Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Especialização em Literaturas Brasileira e Portuguesa pela UERJ. Graduado em Letras (Português e Literatura) pela FAHUPE. Professor do curso de Letras da FEUC.
Últimas publicações: "O Caboclo, de Aluísio Azevedo e Emílio Roùede – entre a fábrica e o teatro", *in*:*Modernidades: Múltiplas leituras*. Rio de Janeiro, 2020.
Quem me viu matar a Titia?. Rio de Janeiro: Livrorama, 2020.

**16h00: Questões e debate** (no final de cada comunicação haverá também um tempo de 10 minutos para questões)

**16h30**: ***Vídeo Performance*** – Em diferido: *Pensa Num Futuro Bonito Pela Frente!* Diego Bagagal (seguido de espaço para questões.)

**Sinopse:** No ano de dois mil e onze, o meu tio amado Ricardo Wagner Braga, a minha Bruxinha, conhecedor exímio da geografia mundial, faleceu por decorrências

da SIDA, deixando-me toda a sua herança. Esta herança é uma caixa com arquivos pessoais coleccionados nas décadas de 1970, 1980 e 1990, contemplando quinze países: Angola, Brasil, Chile, Estados Unidos da América, Peru, Panamá, Portugal, Canadá, Itália, Espanha, Holanda, Inglaterra, Israel, Iraque e Suíça.

Entre os objectos encontram-se: quinhentos cartões-postais de cidades, alguns escritos e com selo, trocados com cerca de cento e sessenta mulheres e homens (80% homens); cartas de Amor; cartas de saudade; fotografias pessoais; fotografias de Sereiosamantes; folhas de diários; desenhos; entre outros. Desde 2017 crio objetos artísticos a partir desta herança.

Será ainda apresentado um segundo vídeo, com uma introdução em direto pelo próprio Diego, com o título: Triptych: *My Magic Kingdom Park Map* (video-ensaio/ 8'44")

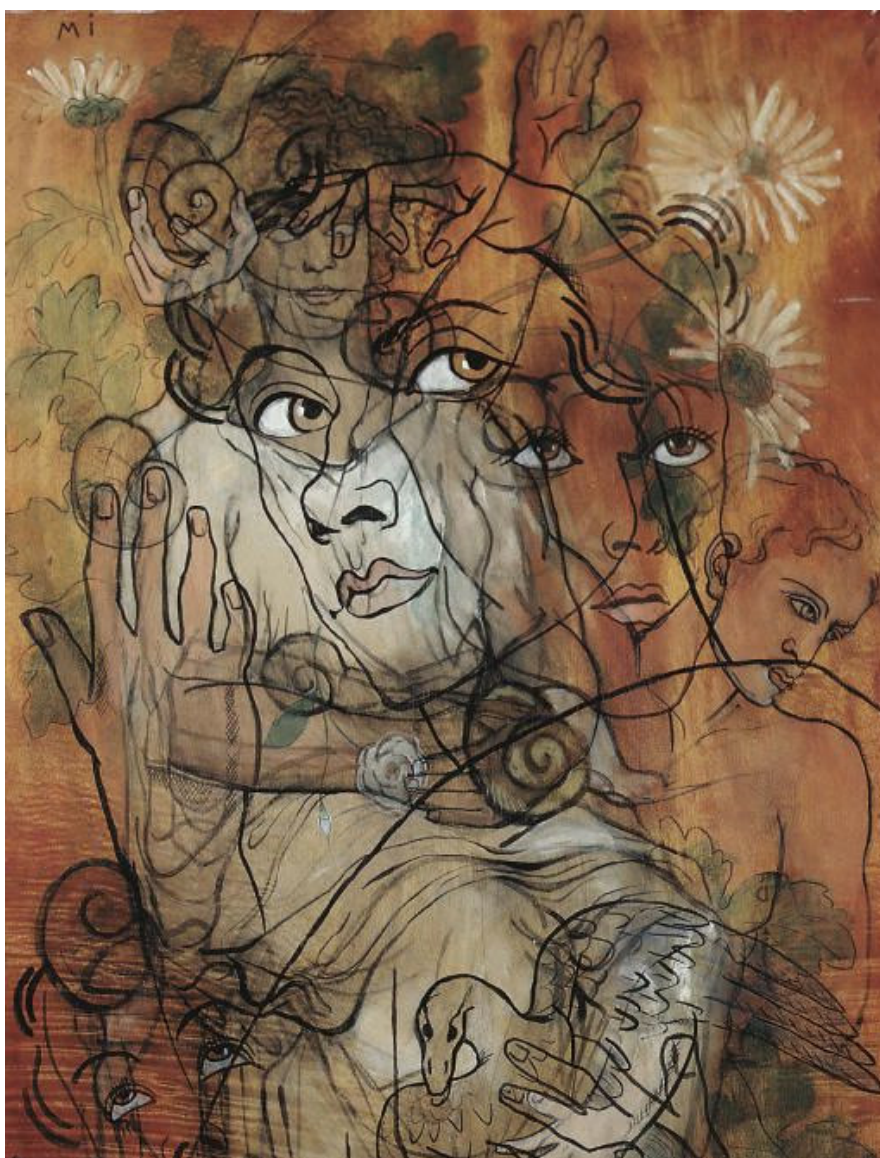
**Sinopse:** "Triptych: my magic kingdom park map" foi o primeiro exercício de vídeo partir da herança, criado em dezembro do Inverno de 2017, um mês depois de oficialmente ter-me mudado para Lisboa, e feito no auge da minha tristeza pela solidão em Portugal. Este é um filme, que considero grotesco. Nele recupero as minhas memórias de infância do ano exato em que descubro a doença do Ricardo.

Neste filme experimental a partir de vídeo-performance e found footage apresento o mapa codificado do reino mágico e que até então só eu e meu tio tínhamos acesso. Ou seja, crio um gesto em vídeo onde revelo o segredo que está contido no primeiro postal que enviei ao meu titio. É um mapa. Esse mapa está dividido em três partes: "Adventure Land"; "Tomorrow Land" e "Liberty Square" (esses três nomes referem-se a três parques-temáticos do "Magic Kingdom Park", da Disney de Orlando). O vídeo foi feito com imagens *found footage* do YouTube e a partir de vide-performances, arquivos pessoais, segredos, uma música icônica da minha infância que escutávamos juntos, e um gesto mágico. Alguns dias depois (ou seriam semanas?), após descobrir que o Ricardo tinha AIDS, o meu pai me levou pra conhecer os Estados Unidos. Achei a Disney bonita porém sem graça. Em criança gostava de desenhar com lápis de cor e fazer rituais com chás. Ali em Orlando, os brinquedos, plásticos gigantes e coloridos, faziam tudo por nós crianças e só era preciso sentar. Orlando era nublada e vazia. Ao lembrar-me disso, me veio o áudio não usado, que gravei para "Salomé" em 2017, e que foi inspirado no atentado de 2016 em Orlando, na discoteca Pulse, onde Omar Mir Seddique Mateen entrou na discoteca e disparou contra centenas de jovens gays que dançavam ao som de uma música pop, 49 pessoas 2 morreram. Naquela época senti uma

profunda compaixão do terrorista ao ler que ele tentou, por algumas vezes, frequentar um lugar gay e ter um momento homoerótico. Entendi que para ele sexo era um terror e pensei que se eu tivesse dado um beijo de língua bem apaixonado naquele terrorista ele não teria feito o que fez, e foi esse o motor do áudio que irão escutar. Sim, eu o beijaria. E acho que isso pode provocar um incómodo aos que assistem e escutam o filme, como fiquei ao ter sentido um carinho por esse homem não-beijado por outro homem. É sobre o (im)pulso erótico do morrer. É sobre a violência e o sacrifício possível para se salvar ou salvar o outro. É sobre um, um único, possível beijo que valeriam 49**.**

**Nota curricular:** Diego Bagagal é umx artista Luso-Brasileiro, que se identifica com o gênero não-binário, nascidx em Belo Horizonte, Brasil. Desde Novembro de 2017 Lisboa. Inicia seus estudos artísticos na adolescência, pela dança (Ballet, Moderno, Contemporâneo e Jazz), e pelo estudo das obras da artista plástica neo-concreta, também Belo Horizontina, Lygia Clark. Ao longo da sua formação, e inspirado por Clark, foca-se no estudo das matérias do corpo e composição artística como "performance", "teatro", "interação/improvisação/composição imediata", "meditação", "composição cênica", "gestalt do objeto" e "gestualidade em arquivos". Sua criação performática e audiovisual é centrada na presença e no corpo. Possui mestrado em "Crítica, Curadoria e Teorias da Arte" pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa (FBAUL); pós-graduação em "Creating Theatre and Performance" pela London International School of Performing Arts (LISPA); formação em atuação pelo Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduação em "Comunicação Social" pelo Unicentro Newton Paiva. Foi co-fundadorx do coletivo interdisciplinar MADAME TEATRO (Brasil) se debruçando nas questões queer a partir de sua relação macro-política (histórica, documental e arquetípica) e micro-política (biográfica e emocional). Suas criações questionam e pesquisam a relação entre "vida e arquivo/ memória e Amor/ festa e espírito/ queer culture e a(fé)to" . Fez parte como jovem artista convidado da equipe curatorial do "Festival Internacional de Teatro, Palco & Rua, de Belo Horizonte (FIT-BH)", edição 2016. Suas criações são elaboradas como instalações visuais e sonoras onde o ator/performer é o "ativador" daquele espaço e potencializador da sinceridade e do encontro com o público. Atualmente trabalha no espetáculo "Geografia do Amor" nome dado a herança que seu Tio Ricardo, o deixou em 2011 quando faleceu em decorrência da AIDS: a herança é uma caixinha com 500

objetos entre eles 245 postais de cidade trocados entre a década de 1970 e 1990 com homens e mulheres que ele conheceu na Praia de Copacabana, em três projetos.
Em 2018 e 2019 a partir do arquivo deixado pelo Ricardo, e com o apoio do British Council/Creative Scotland e o incentivo da professora e documentarista Susana de Sousa Dias criou um arquipélago de filmes-estudos para a "Geografia do Amor": entre eles "Pensa Num Futuro Bonito Pela Frente": https://vimeo.com/303706609

**17h00: Bruno Schiappa – encerramento do colóquio**

*A man with a past, Mi* © Francis Picabia, 1929